

As Fontainhas, entre Paço d'Arcos e Oeiras

FRAGMENTOS DE UM ROTEIRO DE LISBOA (INEDITO)

ARRABALDES DE LISBOA

(Vid. pag. 377)

PAÇO D'ARCOS, OEIRAS E CARCAVELLOS

Logo adiante de Caxias está o *forte de Nossa Senhora do Porto Salvo*, construido no seculo XVII. Tambem se acha desartilhado, mas em bom estado, e guardado por alguns veteranos. A pouca distancia d'elle principiam a orlar a estrada, pelo lado do norte, casas de campo, algumas com jardins e quintas, pertencentes ao logar de *Paço d'Arcos*. A mais notavel por belleza do prospecto é a do sr. Thomaz Maria Bessone, negociante da praça de Lisboa, que a mandou edificar ha poucos annos pelo risco e sob a direcção do sr. Cinati.

Paço d'Arcos é um logar situado á borda do Tejo, no concelho de Oeiras, e freguezia de Nossa Senhora da Purificação da villa do mesmo nome. Encerra uns 120 fogos, e cerca de 600 moradores, com uma ermida da invocação do Senhor Jesus dos Navegantes. É uma das estações de banhos do mar mais concorridas dos habitantes de Lisboa, e na verdade os banhos aqui são excellentes, porque a praia é boa, e a agua limpida e batida quasi como na costa, da qual pouco dista.

Ao entrar do seculo passado apenas contava este logar 35 fogos, mas já ahi existia um palacio com dois torreões, e no centro d'elles uma larga varanda sustentada por tres grandes arcos, do qual veiu á povoação, segundo cremos, o seu nome de *Paço d'Arcos*. Este palacio, que tem tido varias reedificações, com uma quinta annexa, que tem sido muito melhorada e aformoseada modernamente, são propriedades do sr. conde das Alcaçovas.

Ha n'este logar uma delegação de saude para a visita dos navios que entram a barra; um bom caes de cantaria; um forte denominado de S. Pedro, fundado no seculo XVII, bem conservado, e guarnecido por veteranos, e uma vastissima caldeira, ou doca, mandada fazer pelo illustrado ministro del-rei D. José, que d'est'arte proveu, á custa de grande dispendio, a uma das mais urgentes necessidades d'este porto de Lisboa, quasi mar. Infelizmente, e para nossa vergonha, esta caldeira magnifica, formada por grossas muralhas de cantaria, construidas com toda a solidez, e com capacidade precisa para receber e dar seguro abrigo a navios de grande lotação, acha-se completamente obstruida de areias! Estas, como se quizessem expor a todas as vistas o nosso indesculpavel desleixo, tem poupado a parte superior da muralha, que offerece um agradavel passeio.

Em frente da povoação fórma o Tejo uma bella enseada, onde a *Real Associação Naval* costuma fazer as suas regatas, festas pomposas que attrahem crescido numero de espectadores, e a que assiste el-rei, como presidente da associação. Durante o tempo dos banhos vem, de vez em quando, animar este logar com extraordinaria affluencia de gente das povoações visinhas e da cidade, algumas corridas de toiros, feitas por curiosos.

Á saída de Paço d'Arcos, junto á estrada que vae para Oeiras, estão as importantes pedreiras que fornecem a maior parte da excellente cantaria que se emprega nas obras de Lisboa, e que dão a este logar grande movimento industrial e commercial.

Proximo d'estas pedreiras, para o lado do Tejo, vê-se um tumulo de pedra com o epitaphio em inglez. Encerra o corpo do joven commandante de um navio de

guerra britannico, que foi vencido e morto pelos francezes em um combate naval, dado nas proximidades da nossa barra, em 22 de abril de 1808. Vamos transcrever a versão d'este epitaphio, porque nos parece, pelos sentimentos religiosos e patrioticos, que n'elle se expressam com tanta dignidade, um bom modelo das inscripções sepulchraes, em que nós, de ordinario, dâmos tão tristes testimunhos do nosso atrazo. Eis pois a referida inscripção, vertida do inglez:

É consagrado este monumento á memoria do cavalleiro Courray Shiphy, de edade de 25 annos, que foi capitão do navio de sua magestade britannica — a Nympha —, o qual foi morto no ataque de uma embarcação de guerra inimiga, perto do Tejo, no dia 22 de abril de 1808. *Acasos que a sabedoria humana não póde prever, nem qualquer esforço evitar, mallograram o ataque, e terminaram a curta, mas distincta carreira do seu valoroso commandante. Em quanto, porém, existir o seu nome nos annaes da fama, e na lembrança da sua patria, é de esperar que os homens valentes e bons, de quaesquer nações, acatem as suas cinzas, e contemplem com respeito a mansão de um heroe.*

Deixando a estrada que conduz de Paço d'Arcos a Oeiras, afastando-se um pouco da beiramar, e seguindo pela mesma direcção, encontra-se um sitio pittoresco chamado as Fontainhas, e depois a foz do rio de Oeiras.

As *Fontainhas* são uns olhos d'agua que rebentam no meio da praia, formando uma lagoasinha rodeada de grandes penedos. É um sitio aprazivel no verão, por quanto recreia ver junto á lisa superficie do Tejo, no centro de alvissimo areal, e entre rochas de fórmas variadas, um pequeno lago d'agua cristallina, onde borbulham continuamente diversas nascentes. No inverno desapparece o lago, porque o invadem e desfazem as ondas do rio embravecidas como as do mar. Mas ainda assim é muito para ver o effeito espectaculoso das vagas, quebrando-se contra os rochedos, e elevando-se a muita altura, para logo cairem em chuva de branca espuma sobre as mesmas rochas, tornadas então em vistosas cascatas.

A gravura que publicâmos mostra as Fontainhas em uma noite de estio ao luar.

A villa de Oeiras está sentada em terreno em parte plano, em parte com suave declive. Dista de Belem obra de onze kilometros, e da torre de S. Julião da barra um kilometro, pouco mais ou menos. Compõe-se de 210 fogos com uns 700 moradores, e uma egreja parochial dedicada a Nossa Senhora da Purificação, a qual foi reedificada logo depois do terremoto de 1755. Até esta epocha era Oeiras um logar do termo de Lisboa; porém tendo el-rei D. José agraciado a Sebastião José de Carvalho e Mello, seu secretario d'estado, com o titulo de conde de Oeiras, de juro e herdade, por decreto de 6 de junho de 1759, e querendo dar novo testimunho do apreço em que tinha os seus relevantes serviços, elevou o dito logar á cathegoria de villa por alvará de 7 do mesmo mez e anno.

Começaram aqui os fastos da villa de Oeiras. Não vão longe, antes são bem curtos, mas ainda assim poucas povoações do reino os possuirão tão honrosos. Já era bastante para lustre d'esta terra, ter dado o primeiro titulo com que foi galardoado o restaurador de Lisboa; possuir no seu seio a mais esplendida residencia que tinha este grande estadista, e a que elle mais estimava; e finalmente ter sido honrada com a assistencia da corte, nos dois verões de 1775 e 1776, em que el-rei D. José foi habitar no palacio do marquez de Pombal, para d'ahi ir todos os dias tomar os banhos do *Estoril*, situados entre as villas de Oeiras e Cascaes. Todavia outro é ainda o seu principal brazão, e tal que certamente lh'o hão de invejar as mais opulentas e mais civilisadas capitaes do mundo.

A villa de Oeiras viu dentro dos seus muros a primeira exposição industrial, que houve n'este reino, e tambem a primeira, julgâmos poder affirmal-o, que se realisou na Europa.

O conde de Oeiras, já então marquez de Pombal, aproveitando-se da estada del-rei D. José n'aquella villa, na epocha acima referida, resolveu offerecer-lhe um espectaculo que servisse simultaneamente de lisongear o soberano, fazendo-lhe ver, em verdadeiro e minucioso quadro, os resultados praticos das sábias reformas emprehendidas no seu reinado; de mostrar aos naturaes e aos estranhos os progressos que tinha feito Portugal, e os recursos que lhe promettia a sua industria; e de responder ás accusações e calumnias dos seus inimigos com factos demonstrativos da prosperidade publica.

N'este intuito, determinou que se fizesse na villa de Oeiras uma grande feira, á qual concorresse todo o genero de productos de industria fabril portugueza. Expediram-se circulares ás auctoridades para todas as provincias, ordenando que fossem intimados todos os donos de fabricas para que viessem armar barracas no logar designado, e n'ellas expozessem á venda os diversos productos da sua industria. Como n'esse tempo, em vez de convites, enviavam-se ordens, e muito positivas, escusado é dizer que ninguem faltou ao chamamento. A feira foi, portanto, uma verdadeira e completa exposição de tudo o que se fabricava no paiz. A corte, o corpo diplomatico, os consules e funccionarios publicos, convidados pelo ministro, e Lisboa em peso, levada da curiosidade, foram ver e examinar, cheios de admiração, o prodigioso desenvolvimento da nossa industria na immensa variedade de producções, e no singular aperfeiçoamento de muitas d'ellas.

Os esforços do ministro, animando e auxiliando as fabricas antigas, creando novas, mandando vir mestres e artifices intelligentes dos paizes mais adiantados, e concebendo e fazendo promulgar leis adequadas ás necessidades da mesma industria, tiveram n'esta occasião o premio moral, conferido por toda a gente que presenciou essa festa nacional. Aquella feira memoravel foi um grande triumpho para o soberano e para o ministro, e será um eterno brasão para a villa.

Ha em Oeiras varias ermidas e algumas quintas de regalo. D'entre as ultimas estremam-se, por mais formosas e mais ricas, as duas quintas pertencentes ao sr. marquez de Pombal. Estão situadas junto da villa, saindo em direcção a Carcavellos. Separa-as a estrada real, que por bom espaço vae correndo assombrada pelo copado arvoredo de ambas. Fallaremos primeiramente da que se prolonga do norte para o sul, isto é, da estrada para o lado do Tejo, pois que é a principal pela nobreza e grandeza dos edificios. N'ella se acha o palacio.

Fundaram esta quinta e construiram o palacio os dois irmãos do primeiro marquez de Pombal, chamados Francisco Xavier de Mendonça, e Paulo de Carvalho de Mendonça; aquelle foi secretario de estado, e este dom prior de Guimarães, presidente do senado, e acabava de ser elevado á purpura cardinalicia quando falleceu.

A amizade que uniu os tres irmãos, que sempre viveram juntos, fez com que os dois mais novos, Francisco e Paulo, applicassem o rendimento dos seus bens patrimoniaes, e os vencimentos que percebiam do estado pelos diversos cargos que exerciam, o que tudo perfazia a avultada somma de 22:360$000 réis annuaes, a bemfeitorisar e augmentar as propriedades que pertenciam ao mais velho, Sebastião José de Carvalho, por herança de seus paes, por dote de sua primeira mulher, D. Theresa de Noronha, sobrinha do

conde dos Arcos [1], e por successão nos vinculos instituidos por seu tio, Paulo de Carvalho e Athaide, arcipreste da santa egreja patriarchal, fallecido em 1737. Os dois referidos irmãos vincularam e uniram ao morgado de Oeiras todos os bens que ahi compraram, e as importantes bemfeitorias que n'elles fizeram.

Foi d'este modo, e no decurso de muitos annos, que se formaram e se ennobreceram com esplendidas construcções os morgados de Oeiras, que o primeiro marquez de Pombal ainda accrescentou depois da morte de seus irmãos, e á custa dos proprios rendimentos dos mesmos vinculos. Estes morgados não constam sómente das duas quintas acima mencionadas, as quaes foram formadas de diversas propriedades, mas tambem de varios grandes casaes de terras de lavoira, de olivaes e de vinhas, que chegaram a produzir quatrocentas pipas d'aquelle precioso vinho, conhecido e apreciado com o nome de *Carcavellos*.

O palacio tem quatro fachadas: uma, a da entrada principal, que é flanqueada por dois pavilhões, deita para um grande pateo; duas caem sobre dois jardins, e a ultima sobre a rua publica. A gravura que publicâmos a pag. 389 mostra no primeiro plano a *praça do Pelourinho* da villa, e no fundo o muro do pateo, algum arvoredo da quinta, e o pavilhão do palacio do lado de oeste. O corpo central e o pavilhão de léste ficam encobertos com o edificio das cocheiras e cavallariças, que está separado do pateo.

Fez a planta e dirigiu as obras do palacio o architecto Carlos Mardel, natural da Hungria, o qual veiu para Lisboa em 1733, e aqui morreu em 1763, onde foi architecto das *aguas livres*, da *casa das obras* (obras publicas), do *almoxarifado do sal de Setubal*, etc.

O palacio ostenta ricas decorações exteriores nas duas frontarias que olham para os jardins. Interiormente encerra bellas salas, uma ermida bem ornada, varias obras de arte de merecimento, e alguns objectos historicos. Estas preciosidades são as seguintes: um *painel de S. Francisco*, pintado por Ticiano; varios *quadros originaes de Vanloo;* os *paineis da capella*, feitos por André Gonçalves, um dos nossos melhores pintores, que floreceu no ultimo quartel do seculo XVII, e no primeiro do XVIII; *um painel de Santo Antonio*, copiado do original que está em Roma, e é retrato do thaumaturgo; *um quadro com os retratos do primeiro marquez de Pombal e de seus dois irmãos, Francisco e Paulo, de mãos dadas, e cercados da letra: Concordia fratruum*, que julgâmos ser producção de D. Joanna Ignacia Monteiro de Carvalho, natural de Lisboa, onde foi estimada como retratista, e conhecida do vulgo pelo nome de *Joanna do Salitre*, por ser o sitio da sua residencia; o *primeiro modelo em cera da estatua equestre del-rei D. José*, saido das mãos de Joaquim Machado de Castro, auctor da mesma estatua; *um lindo presepio de marfim e madreperola; duas estatuas de marmore, representando Alpheo e Arethusa*, desenhadas por Joaquim Machado de Castro, e esculpidas por João José Elveni e Francisco Leal Garcia, discipulos do celebre estatuario romano Alexandre Giusti; *dois baixos relêvos em prata*, allegoricos ao reinado de D. José I; *um retrato em miniatura do papa Clemente* XIV (Ganganelli), offerecido por elle ao primeiro marquez de Pombal; *um annel de camafeu*, que está vinculado, representando o mesmo pontifice; a escrevaninha de que se serviu el-rei D. José quando habitou n'este palacio, nos dois verões de 1775 e 1776; e, finalmente, diversos moveis do uso d'aquelle grande homem de estado. Devemos mencionar tambem uma livraria, que encerra alguns manuscriptos raros.

(Continua)

I. DE VILHENA BARBOSA

[1] D. Theresa morreu sem successão, porém empregou os vinte contos em dinheiro que trouxe em dote na compra de bens de raiz, que vinculou e uniu ao morgado de seu marido. Uma parte d'estes bens eram situados em Oeiras.

A TRAGEDIA DO INFANTE

TRADIÇÃO BISCAYNHA [1]

I

Em 1355 era senhor de Biscaya D. Tello, filho do defuncto rei D. Affonso XI, e reinava em Castella seu irmão D. Pedro I, cognominado por uns o *Justiceiro*, e por outros o *Cruel*.

Tomára parte D. Tello na guerra que os grandes do reino faziam a D. Pedro, e este se propoz acabar com todos os senhores que o haviam prendido em Toro. Em o numero d'estes senhores estava D. Tello, e por isso, tendo-o assim determinado o rei, se dispoz D. João de la Cerda a fazer guerra sem tregoa ao senhorio de Biscaya.

O exercito real entrou por dois lados em Biscaya, sendo um o Gordejuela e outro o Ochandiano, e em ambos foi inteiramente derrotado pelos biscaynhos, divididos em duas columnas, a primeira commandada por D. Tello e a segunda por D. João de Avendaño.

Desejando os biscaynhos viver em paz e boa amizade com o rei de Castella, e querendo obrigar o seu senhor a governar o senhorio sem malquistar-se novamente com D. Pedro, fizeram pactos com este, obrigando-se a negar obediencia a D. Tello, se chegasse a ser desleal a el-rei, a quem em tal caso reconheceriam por senhor, o qual por sua parte se obrigava a guardar aos biscaynhos os seus foros, usos, costumes e privilegios, que juraria em pessoa debaixo da arvore de Guernica, em junta geral convocada ao som de bozinas tangidas por saiões, como os tinham jurado todos os passados senhores de Biscaya.

D. Tello, e sua mulher D. Joanna de Lara, sanccionaram e acceitaram estes pactos, promettendo não serem desleaes a el-rei de Castella, sob pena de perderem o senhorio de Biscaya, que D. Tello alcançára por meio do seu casamento com a filha primogenita de D. João Nunes de Lara.

Apesar de similhantes pactos, assignados em terça feira 21 de junho do anno 1336, em Bilbao, nas casas de João Sanches Barrondo, e cujas condições haviam préviamente discutido e redigido todos os biscaynhos de commum accordo, D. Tello, dominado e impellido pelos rancores de familia que moviam continua guerra a D. Pedro, malquistou-se novamente com este, a tal ponto que el-rei determinou matal-o.

Achando-se em Sevilha, mandou el-rei D. Pedro dar morte a seu outro irmão bastardo, o infante D. Fradique, mestre da ordem de Santiago, e a diversos cavalleiros dos que o prenderam em Toro, contando-se entre elles Sancho Ruiz de Villegas, Pedro de Cabrera, Fernando Alonso de Gahete, D. Lope Sanchez de Avendaño, Affonso Jufre Tenorio, Affonso Perez Fermosino e Garci-Mendez de Toledo. Parece que seu primo D. João, infante de Aragão, o qual se encontrava n'aquella epocha em Sevilha, o aconselhára e auxiliára em tão barbaro morticinio.

Sabedor de que D. Tello estava muito descuidado em Aguilar do Campo, cujo senhorio possuia tambem, partiu de Sevilha no mesmo dia em que mandou matar D. Fradique, e chegou no setimo a Aguilar.

No dia em que el-rei chegou, D. Tello andava caçando no monte, e como o avisasse um seu escudeiro, chamado Gutierre de Guerea, fugiu para Biscaya, alcançou o porto de Bermeo, metteu-se em um barco de pescadores e refugiou-se em Bayona. Durante a sua viagem por Biscaya nem um só biscaynho se lhe juntou, não obstante haver-lhes pedido auxilio para se

[1] Este conto foi extrahido das chronicas de Biscaya, que ora vae publicando em Bilbao o fecundissimo escriptor e illustre chronista d'aquelle senhorio, o sr. D. Antonio de Trueba.

defender de el-rei D. Pedro que lhe ia na pista. Quando os biscaynhos tinham obrigação de defender a seu senhor, defenderam-no pelejando como leões nos campos de Ochardiano e Gordejuela, sem temerem as iras de D. Pedro. Quando tinham o dever de abandonal-o, abandonaram-no. Assim cumpriram sempre os seus juramentos os filhos d'aquella nobre terra.

D. Pedro chegou a Bermeo algumas horas depois de ter embarcado D. Tello, e ao saber que lhe escapára a prêa quasi de entre as mãos, perseguiu-a até Lequeitio; porém o mar estava embravecido, e tanto por isto como porque o barco de D. Tello lhe levava já muita dianteira, voltou para Bermeo sériamente encolerisado.

O infante de Aragão, D. João, fundando-se no direito que julgava ter ao senhorio de Biscaya por ter casado com D. Isabel, a filha menor de D. João Nunes de Lara, pedíra a D. Pedro o referido senhorio, e D. Pedro lh'o promettêra como recompensa dos serviços de que lhe era devedor, com tanto que os biscaynhos lh'o quizessem conceder.

Recebido el-rei D. Pedro em Archaválaga, e conduzido sob a arvore de Guernica, onde se reuniram até dez mil biscaynhos representando os valles, as villas, as Encartações e o Duranguesado, fallou d'este modo á junta:

— Sabeis como D. João, o infante de Aragão, meu primo, é casado com D. Isabel de Lara, filha de João Nunez, que foi vosso senhor, e de D. Maria, sua mulher; e como por esta razão lhe pertence Biscaya, por quanto D. Tello se foi a Hespanha, e tem andado e anda alheio de meu serviço. Por isso vos rogo que tomeis por vosso senhor o dito infante D. João e a sua mulher D. Isabel.

Os biscaynhos responderam-lhe:

— Nunca teremos outro senhor em Biscaya, salvo el-rei de Castella. Queremos ser da vossa coroa, dos reis que reinarem em Castella depois de vós, e não nos falte homem do mundo n'outro caso.

Como se não deixou de empregar meio algum, por odioso que fosse, para pintar o infeliz D. Pedro como um monstro de falsidade e crueza, não faltaram escriptores que suppozeram calumniosamente que esta valorosa resposta dos biscaynhos fôra préviamente exigida pelo proprio rei. Temos tambem por calumniosa tal supposição.

Os biscaynhos, como refere Pedro Lopez de Ayala, chronista do fratricida de Montiel, e dos que mais contribuiram para tornar odiosa a memoria de D. Pedro, *que são homens á sua vontade*, isto é, homens de animo altivo e livre, não se prestaram, não se tem prestado, nem se prestarão a tão vil papel, nem el-rei D. Pedro, orgulhoso até á soberba, e ousado até á temeridade, era capaz de acudir a taes forças para fazer triumphar a sua justiça ou o seu capricho.

Terminada a junta, el-rei D. Pedro mandou participar ao infante, que, apesar de havel-o rogado, os biscaynhos não queriam a seu primo por senhor; mas que elle vinha á villa de Bilbao, e ainda tornaria alli a instar para que lhe dessem o senhorio.

II

Antes de seguir mais ávante, permittam-nos dizer que não somos dos que, como Garcia Dei, D. Diogo de Castella, o conde de la Roca, Ledo del Pozo e o insigne poeta Zorrilla, se constituem cegos admiradores del-rei D. Pedro I.

D. Pedro era um leão dotado de toda a nobreza e fereza que se attribue aos leões. Mortificado, incitado ou fustigado perpetuamente, o leão fez uso de toda a sua ingenita fereza para se defender e vingar. A nossa opinião, n'este ponto, está conforme com a que emitte o auctor da chronica de D. Pedro Infante *(Niño)*:

«El-rei D. Pedro, diz, foi homem que usava viver muito á sua vontade; mostrava ser muito justiceiro; porém tanta era a sua justiça, e feita de tal modo, que se tornava em crueldade».

O infante D. João era homem rancoroso e cruel.

O seu contemporaneo Pedro Lopez de Ayala, empenhado em pintar sanguinario tigre a D. Pedro, para que parecesse manso cordeiro D. Henrique de Trastamara, tinha interesse em retratar com bellas côres as victimas de D. Pedro. Pois, apesar d'isto, oiçam-se as palavras que põe na boca do infante, referindo a conferencia que este e el-rei tiveram em Sevilha no dia da morte do mestre de Santiago D. Fradique:

—«Primo, disse el-rei, bem sei, e vós tambem sabeis, que o mestre D. Fradique, meu irmão, vos quer grande mal, e assim fazei vós antes mal a elle».

«E o infante D. João respondeu:

—«Assim é verdade, senhor, que eu quero muito mal ao mestre de Santiago e ao conde D. Henrique, seu irmão, e elles querem mal a mim por vosso serviço. Tenho por isso grande satisfação de que tivesseis ordenado matar hoje o mestre, e se o houvesseis por bem, ainda hoje o mataria».

Estas ultimas palavras, mencionadas por penna não suspeita de parcialidade, provam que o infante D. João não tinha entranhas mais benignas que el-rei D. Pedro.

Achava-se para a parte de Castella, e, quando recebeu de D. Pedro a noticia de que os biscaynhos não o queriam por senhor, desatou em improperios e ameaças contra el-rei, julgando que o desaire era obra d'este para ficar com o senhorio, e respondeu a D. Pedro em termos desabridos.

El-rei, dissimulando o seu enfado, mandou-lhe dizer que viesse a Bilbao para ver se vencia com a sua intervenção a resistencia dos biscaynhos «homens que não tomam juramento facilmente, mas o guardam soberbos e leaes depois de o tomar e jurar».

O infante poz-se immediatamente em caminho, movido antes pelo desejo de vingar-se do rei, que pela esperança de lograr o senhorio de Biscaya, que ambicionava havia muito tempo.

A ameiada torre que vemos na praça velha de Bilbao, na esquina de Artecalle, servia de palacio aos senhores de Biscaya. Por aquelles tempos tinha uma janella que dava para a praça. É lastimoso que se não desmorone, para descobrir um monumento tão antigo e tristemente celebre, o corpo de edificio que se construiu, tempos depois, no seu costado meridional, sem outro designio mais que o de regularisar os arcos da praça.

Na torre a que nos referimos pernoitaram diversos reis, como o indicam as cadeias que vemos na entrada da torre por Artecalle, e como se lê nos rotulos que ha na face do botaréo do meio-dia. N'esta torre se hospedava el-rei D. Pedro, a 12 de junho de 1359, quando lhe annunciaram a chegada do infante D. João, a quem acompanhavam tres escudeiros que ficaram á porta da torre.

João Fernandez de Hinestrosa, camarista-mór del-rei, annunciou a sua magestade que o infante esperava a sua vénia para entrar na camara.

Os olhos do rei brilharam de rancor e alegria.

— Traidor! — exclamou D. Pedro. Pensavas que a minha generosidade para comtigo não havia de ter limites? Foste um dos desleaes que me tiveram preso tres annos em Toro, affrontando-me como affrontaram ao rei; perdoei-te: tornaste á liga dos meus inimigos, tornei a dar-te a minha amizade; e hoje pagas tanta clemencia suspeitando-me traidor, e ousando vir á minha camara cautelosamente armado para me assassinar? Olá, João Fernandez, meu camarista leal, dizei a João Diente e Gonçalo Recio que façam ao infante o ajuste de contas que fizeram em Sevilha ao mestre de Santiago...

O infante levava uma faca ou punhal escondido entre as vestes, circunstancia que, por imprudencia d'elle ou boa espionagem del-rei, sabiam já este e os seus criados.

A um signal de Hinestrosa, os criados do rei arrancaram a faca ao infante; e como D. João, procurando amparo ou vingança, quizesse entrar na camara, onde descobriu a terrivel figura del-rei logo que Hinestrosa abriu a porta, Martim Lopez de Cordova, outro camarista de D. Pedro, abraçou-se com elle para lhe impedir a entrada.

Então o fero balesteiro João Diente levantou a maça que tinha ao hombro, e descarregou um tremendo golpe na cabeça do desventurado infante, e a este golpe seguiram-se os de outros dois balesteiros.

E o infante, que era forte de corpo e animo, apesar de lhe rebentar o sangue pela boca e ouvidos, não caíu; porém, já sem sentidos quasi, foi-se para João Fernandez de Hinestrosa, que permanecia á porta da camara, o qual, desembainhando com a mão direita a espada, e dando-lhe um empuxão com a esquerda, gritou:

— Para longe! para longe!

E a isto acudiu o balesteiro Gonzalo Recio, que tornou outra vez a descarregar a maça, e o infante rolou morto no chão.

El-rei, que presenciára tão horrivel scena no fundo da camara, saíu para a antecamara, onde havia uma janella que deitava sobre a praça, e ordenou aos seus verdugos que arrojassem pela janella o cadaver do infante.

A praça estava cheia de gente, que adivinhava, muda de terror, a tragedia de que era theatro a torre de Artecalle; e ao ver cair o cadaver ensanguentado do infante, que, ao dar na terra, salpicou de sangue a multidão, esta soltou um grito de horror, que resoou sinistramente em todo o valle do Ibaizabal.



Praça do Pelourinho da villa de Oeiras

E então appareceu el-rei D. Pedro na janella da torre, e com feroz e sarcastico sorriso gritou ao povo:

— Biscaynhos! vêde o que queria ser vosso senhor!

A multidão emmudeceu horrorisada.

Conta-se, porém, que n'aquella mesma noite, assomára D. Pedro á ensanguentada janella da torre, e á claridade da lua, vira no cume de Miravilla um espectro, que apontando para as ferozes montanhas de Triano, lhe gritára:

— De Biscaya sairá quem vingue D. João em Castella!

D. Henrique de Trastamara não era biscaynho, mas era-o o ferro que elle cravou no peito de seu irmão, nos campos de Montiel.

D. Pedro, sombrio e meditabundo, deixou Biscaya no dia seguinte.

Quem era o espectro de Miravilla?

Só Deus o sabe, que poz o remorso ao lado do crime.

DO ENSINO RELIGIOSO NAS ESCHOLAS PRIMARIAS

(Vid. pag. 255)

CARTAS A UM PROFESSOR

IV

Meu caro Leonardo

Marvilla 1 de agosto de 1863.

Com o risco á vista, passarei agora a mostrar-vos a parte que vos toca na execução do grandioso edificio em que, na qualidade de professor, tendes a trabalhar.

Para que os homens se ponham em communicação directa com Deus, não basta haver os meios que o Senhor para isso estabeleceu: é necessario que alguem faça d'elles a conveniente applicação.

Um meio bem conhecido e bem facil de qualquer se pôr em communicação, travar e entreter relações com uma pessoa ausente, é, sem duvida, o das cartas e recados. Mas de que serviria elle, se não houvesse tambem portadores que levassem ao seu destino essas cartas e mensagens, pelas quaes duas pessoas communicam reciprocamente seus pensamentos e affectos? De nada.

Pois do mesmo modo sem a intervenção de alguem que manejasse os meios para esse fim estabelecidos, impossivel sería toda a communicação directa dos homens com Deus, de quem nascemos ausentes pelo peccado de origem, que nos colloca a uma distancia infinita do santo por essencia; ausentes pela carencia do necessario conhecimento de suas perfeições, e do qual só chegariamos, quando muito, a reconhecer a existencia, poder e sabedoria, conhecimento este que, sem o dos outros attributos, só serviria de nos afastar d'elle.

Essa intervenção porém não falta; na sociedade christã tem esse dever o pae de familias, o padre e o professor como delegado e representante d'aquelle, e auxiliar d'este. Vejamos pois o que tem a fazer.

A primeira coisa de que se trata é fazer chegar á alma dos que entram no mundo a acção divina; e os meios para isso a empregar são, como já sabeis, os sacramentos, começando pelo baptismo, que, apagando a mancha do peccado, tira pela applicação dos fructos do sacrificio o óbice á projectada união d'essa alma com Deus, que n'ella fica pela graça actuando — e a transmissão da verdade revelada pela palavra, ou a prophecia.

Com a administração dos sacramentos é sabido que (á excepção do baptismo em caso de necessidade), o professor nada tem: lá estão os ministros da egreja, a quem isso exclusivamente pertence.

Resta portanto o transmittir as verdades reveladas, e é n'esta parte que o concurso do professor se torna necessario, que o mestre é obrigado a trabalhar ao lado dos paes de familias e dos ministros do Evangelho.

Ora as fórmulas de que para isso tem a servir-se não podem ser senão as que a egreja tem sempre adoptado e manda seguir: — a historia da humanidade que se contém na Biblia, e a doutrina que a mesma egreja, alumiada pela assistencia do divino espirito, d'ella e das tradições tem extractado e deduzido. E aqui temos nós na historia sagrada, e nas noções fundamentaes do dogma que a egreja professa, e todo o christão deve crer, as duas primeiras partes do ensino religioso, correspondendo ao primeiro elemento da relação — a acção divina.

Agora pelo que pertence ao segundo elemento, a reacção da alma, o que ha a fazer é bem dirigir a expressão do sentimento religioso, que ao sol da revelação e salutar influencia dos exemplos e exercicios de piedade, nos meninos se desenvolve e cresce, para não cairem nas grosseiras e ridiculas superstições em que sempre vem a caír aquelles a quem esta direcção falta. E n'este trabalho não cabe ao professor tambem pequena parte, nem o seu zelo deve ser menor. Encarregado de continuar a obra começada no seio da familia, cumpre-lhe mostrar aos que forem confiados aos seus cuidados, porque, como, e em que casos se deve louvar, agradecer e invocar ao Senhor, indicando-lhes as fórmulas usadas e auctorisadas pela egreja, para tambem por este meio lhes fazer mais vivamente sentir a necessidade de orar sempre em nome do divino mediador, Christo Senhor Nosso, e os habituar a isso; explicar-lhes as ceremonias, dando-lhes a significação de cada uma e da ordem d'ellas; fazer-lhes conhecer a efficacia e os fructos do santo sacrificio da missa, os effeitos de cada sacramento, e as disposições com que o christão deve recorrer a elles para recebel-os com fructo e dignamente; ensinar-lhes o que Deus quer e espera de cada um de nós, o que cada um tem a fazer e a evitar para se não desviar do caminho que conduz á felicidade eterna, para que todos fomos creados, e saberem, em qualquer situação em que se encontrem, conformar suas acções com a divina vontade, que para todos deve ser, como lei suprema que é, a regra d'ellas; dar-lhes, n'uma palavra, necessarias noções do culto e frequentes lições de moral.

Eis a tarefa do professor primario, e a natural divisão do ensino religioso em quatro partes — a historia, o dogma, o culto, e a moral.

Isto posto, por onde se deverá começar, que ordem se deverá seguir?

Eis a primeira questão que se apresenta, e que, não sendo de tão pouca importancia, como á primeira vista parece, primeiro que tudo convém resolver.

Quanto a mim, a ordem a seguir, a mesma contextura da religião a está determinando; indicada ficou já em tudo o que a tal respeito vos tenho dito.

Começando a reacção ou elevação da alma, elemento indispensavel da religião, pela fé; e não podendo haver fé sem uma palavra anterior, a que a intelligencia e a vontade dêem ou neguem adhesão, claro é que a historia e o dogma devem preceder o culto e a moral, que devem ser a expressão do sentimento religioso, gerado n'alma pela revelação; e que sendo os dogmas extractos ou deducções da historia, cujo contexto serve, por assim dizer, de involucro ou encadernação á verdade revelada, as lições de historia devem tambem preceder as de dogma. E quando assim se não proceda, a instrucção religiosa ha de ser sempre imperfeita, nunca chegará a produzir os abençoados fructos que póde e deve dar.

Ha quem assim não pense, e pratique o contrario. Uns começam por ensinar, ou verificar se os meninos já sabem as orações que as mães ordinariamente costumam ensinar; passam depois á doutrina, e aos preceitos da moral, deixando para depois de tudo, quando a isto só se não limita a instrucção, a historia sagrada, que as mais das vezes não chegam a dar por falta de tempo.

Outros pretendem ser mais vantajoso dar logo ás crianças simultaneamente lições de historia, de doutrina, de culto e de moral, fazendo de cada uma d'estas materias um curso á parte, como se entre ellas não houvesse nexo algum.

Nenhum porém d'estes methodos me parece levar vantagem, e dever preferir-se ao que antepõe a tudo a historia sagrada; nenhum dos muitos argumentos que se adduzem em favor d'elles me satisfaz.

Eu quero que as mães ensinem seus filhos a rezar, e lhes dêem frequentes exemplos de piedade: assim ellas tivessem n'isso mais cuidado do que geralmente tem! Convenho em que o professor não deve por fórma alguma deixar esquecer as orações que os meninos já souberem quando entrarem na eschola; quero mesmo que lh'as ensine quando as não saibam, e não despreze as praticas piedosas. É semente que ha de vir a fructificar. É bom que uma alma, quando repleta de sentimento religioso, e sentindo a necessidade de o exprimir, tenha já esses meios de o fazer, como é sensato estar a mãe prevenida com algum fatinho para o filho que ha de nascer. Mas no que eu não convenho nem posso concordar, é que se tomem essas orações, que as mães costumam e devem ensinar ás crianças, por base do ensino religioso, ou d'elle se façam o objecto principal, porque d'este modo, se a instrucção não for começar onde deve ser, que é pelas noções historicas, mais ou menos desenvolvidas, nunca uma criança chegará a adquirir os conhecimentos de que o sentimento, de que taes orações e praticas devem ser expressão, se gera; e toda a sua vida as ficará repetindo como se repetem palavras de uma lingua estrangeira que nos ensinaram a pronunciar, mas de que nos não deram, nem sabemos a significação.

Quanto ao outro methodo em que fallei, estamos no mesmo caso. Voto por elle para as escholas superiores, onde o ensino deve formar como um ser organico que se vae desenvolvendo proporcionalmente em todas as suas partes; queria mesmo vêl-o adoptado nas escholas primarias de segundo grau; mas

não nas escholas elementares, cujos frequentadores não tem ainda ordinariamente feito acto de adoração em espirito e verdade, que é o ponto culminante onde é preciso fazer chegar toda a alma, para depois se lhe mostrar d'alli o caminho que conduz á felicidade.

O homem não póde ter nunca os sentimentos constitutivos do sentimento religioso, nem este converter-se em acto de adoração, senão á medida que, á luz da revelação, for conhecendo as perfeições de Deus, e o seu proprio destino.

Para isto não basta, certamente, que se lhe ensine a repetir, como papagaio, que Deus é eterno, omnipotente, immenso, infinitamente sabio, santo, justo, etc., e que a nossa alma é immortal: é preciso que saiba o que taes phrases querem dizer, que lhe ligue as idéas que ellas exprimem.

E poderá o professor, ou alguem, dar a seus discipulos a significação d'essas palavras e phrases, sem que elles tenham já presentes pela memoria parte dos factos cuja narração constitue a historia sagrada, e nos quaes Deus se nos manifesta em seus attributos, que por meio d'elles se nos tornam quasi visiveis?

Digam o que disserem, meu amigo, não posso crer que haja homem tão habil em discorrer, e na arte de ensinar, que possa dar uma idéa da eternidade, omnipotencia, immensidade, sabedoria, bondade, justiça, santidade e mais perfeições do Ser Supremo, sem ir prender o fio do raciocinio aos ditos factos: sem isso, sem uma prévia narração d'elles, por mais eloquente e habil que um homem possa ser, nunca chegará a ser comprehendido; sua palavra passará por sobre aquellas intelligencias, ermas ainda dos necessarios conhecimentos, como vento sobre a relva, sem deixar vestigio algum da sua passagem.

E os mysterios? Poderá ter alguem a presumpção de fazer-se acreditar quando affirma a existencia do que se não póde comprehender, sem que a sua palavra se escude com uma auctoridade superior, e préviamente reconhecida por infallivel por aquelles que trata de instruir?

É verdade que a graça póde muito: mas isso não nos dispensa a nós de empregar todos os meios ao nosso alcance para lhes facilitar as operações, remover os obstaculos, e annullar, sem violencia, toda a resistencia proveniente dos effeitos do peccado original, e é d'isto que se trata.

Para que a instrucção e educação sejam efficazes, é necessario que o instituidor seja acreditado em tudo o que disser, e que domine por conseguinte a intelligencia e o coração de seus discipulos, nos quaes a repugnancia ao incomprehensivel é tão forte, quanto é vivo e profundo o contentamento que toda a criança sente e manifesta quando comprehende o que se lhe explica.

Ora os meios ordinarios de dominar a intelligencia com a evidencia, ou a verosimilhança descoberta pelo raciocinio, é depois d'estes a auctoridade. Evidencia quanto a mysterios, escusado seria dizel-o, não ha. Verosimilhança pelo raciocinio, impossivel é descobrir nem sequer sombra d'ella. E aquelle que a isso se metter, uma de duas: se se põe a discorrer com os discipulos, póde ter a certeza de ser remido por elles, que, no seu interesse de saber e natural sinceridade, hão de necessariamente discorrer mais habilmente, e n'este caso eil-o desauctorisado: se se limita unicamente a affirmar sem explicação, nem lhes permittir réplica, impondo-lhes silencio, além de não ser acreditado, e de deixar na alma das crianças, em vez da fé, o germen da duvida, praticará um acto de despotismo: porque o silencio mantido suppõe medo, e o medo a intervenção da força, cujo emprego, em taes casos, é um ultrage á dignidade de seres intelligentes e livres, com direito por isso ao respeito do professor, como do resto dos homens.

Excluida a evidencia e a verosimilhança, resta unicamente a auctoridade para levar uma alma a dar assentimento á palavra de quem affirma a existencia do incomprehensivel, e a crer nos mysterios da religião.

Esta auctoridade não póde ser senão a da egreja, e ninguem a póde reconhecer e acceitar, como infallivel, senão pelo estudo da historia sagrada, mais ou menos desenvolvida.

Não é porém só quanto ao dogma que o conhecimento prévio d'esta auctoridade se torna necessario; pelo que respeita ao ensino da moral torna-se tambem indispensavel. Sem elle, que força poderá ter a palavra do mandamento, que sancção dareis á lei? Se pensais que basta a palavra do mestre, como mais edoso, mais illustrado e experiente, enganaes-vos. Todas essas crianças que tendes diante de vós contam já vir a ser tudo isso que vós sois, e já por essa razão se consideram anticipadamente vossos eguaes, e por consequencia desobrigados de vos obedecer, como effectivamente estão, por isso que sendo todos os homens eguaes por natureza, nunca a vontade de um póde ser lei para os outros.

Dareis a lei por sancção á força? A força, nos dominios da vontade é nulla, e o emprego d'ella em taes casos um attentado contra a dignidade do homem, uma brutalidade. A força, como já disse, não me lembra agora quem, gasta-se com o tempo; o fraco, cedo ou tarde, vem a ser forte, e do seio da sua fraqueza já os meninos estarão appellando para esse tempo, formando tenção de então fazerem o que muito bem lhes parecesse, e estudando os meios de illudir os poderes a que de futuro podessem estar subordinados.

Pelo que respeita ao culto, não vejo que a preparação historica seja menos necessaria. Entendo que ninguem, absolutamente ninguem, poderá nunca attingir o verdadeiro sentido das orações com que a egreja, em nome de todos os seus filhos, louva e bemdiz o Creador, Redemptor e Sanctificador do mundo, e tambem em favor de todos invoca a divina clemencia, nem a significação das suas ceremonias, festas e ordem d'ellas, sem prévio conhecimento dos factos que estas symbolisam e recordam, pondo por assim dizer em relêvo os divinos attributos. Nem mesmo sei se essas ceremonias, que devem ser a expressão da fé, amor e esperança de cada um dos fieis, virão a ser, relativamente aos que a ellas assistem sem as comprehender, ou saber-lhes a significação, outras tantas superstições. Como quer que seja, explicar as ceremonias e festas da egreja a quem não tiver dado historia sagrada é tempo perdido.

Eis as difficuldades e inconvenientes de todo o methodo de ensino religioso elementar, que não seja o que vos indico. Segui-o e vereis que tem tanto de facil para quem ensina, como de vantajoso e claro para quem aprende.

Depois de se saber por quem e como o mundo foi creado, é tão facil deduzir do acto da creação, e ás crianças comprehender o que é ser eterno, omnipotente, immenso, infinitamente sabio e bom, e que só Deus é tudo isso, que até ellas chegam muitas vezes a persuadir-se que já sabiam o que se lhes está ensinando. Uma de seis annos me disse a mim, depois de ouvir muito attentamente e com todo o interesse uma explicação d'estas: «eu já sabia isso». E perguntando-lhe quem lh'o havia ensinado, respondeu-me, depois de pensar um pouco «provavelmente foi o pae do ceo».

Depois dos meninos saberem o que Deus é, não custa muito a fazer-lhes ver perante a vida, milagres, doutrina, morte e resurreição do Salvador, que Jesus Christo é Deus e homem. Reconhecida a divindade de Jesus Christo, pouco é preciso para lhes fazer reconhecer tambem por infallivel a auctoridade da egreja catholica, por elle instituida e animada do Divino Espirito, segundo a promessa que o mesmo Jesus Christo lhe fez. Reconhecida esta auctoridade, receio nenhum

póde o instituidor ter de fallar-lhes dos mysterios, e affirmar a existencia do incomprehensivel, nem de propor a lei que devem cumprir e guardar; porque então já não é o professor que affirma e manda: na opinião dos que o escutam é a egreja, depositaria dos divinos ensinos, e infallivel em suas decisões, que pela boca do seu mestre lhes está dizendo o que Deus disse, e quer que todos saibam, e como cada um deve viver n'este mundo para bem e felicidade temporal e eterna de todos. Tendo os alumnos presente a historia da creação, do peccado de nossos primeiros paes, da encarnação, morte, sepultura, resurreição, ascensão do Homem Deus, e da descida do Espirito Santo sobre os apostolos, não ha oração, ceremonia e festa da egreja, nem pratica piedosa, que não seja promptamente comprehendida.

Todavia é necessario que nos entendâmos. Quando vos aconselho a dar primeiro que tudo um curso de historia sagrada, não quero dizer um curso desenvolvido; mas sim um curso resumidissimo, em que se encerrem só os principaes acontecimentos desde a creação até ao estabelecimento definitivo da egreja, como são o peccado do primeiro homem, morte de Abel, corrupção do genero humano, punição pelo diluvio, Noé e seus filhos, torre de Babel e dispersão dos povos, vocação de Abraham, promessas do Messias, encarnação, nascimento, vida, morte, resurreição e ascensão de Jesus Christo, e descida do Espirito Santo sobre os apostolos; um curso para que póde servir de texto a primeira parte do catecismo historico do abbade Fleury, que eu mui desejaria ver adoptado para esse fim. Chegado ao ponto que acabo de indicar-vos como termo do curso, deveis recomeçal-o. Mas então, sem vos cingirdes a uma simples narração, que seja o mais raciocinado possivel, deduzindo dos factos as verdades dogmaticas, que em presença d'estes se podem descobrir pelo raciocinio, e segundo os processos que mais tarde vos indicarei tambem.



Cascata dos poetas, na quinta de Oeiras, do sr. marquez de Pombal

Feito isto, e depois de terdes referido aos vossos discipulos o que em Jerusalem se passou em dia de Pentecostes, a realisação das promessas do Salvador, chamareis as attenções, por uma rapida transição, para as palavras pelas quaes Jesus Christo encarregou seus discipulos de ensinar todos os povos e nações do mundo, com promessa solemne d'Elle proprio lhes assistir em espirito até á consummação dos seculos, para os preservar do erro, e lhes deu poder de remittir os peccados por meio dos sacramentos. Insisti n'este ponto, fazei-lhes repetir e explicae-lhes bem essas palavras até as ficarem sabendo de cór, e verem claramente em que se funda a auctoridade da egreja: e passae depois a expor-lhes os mysterios que a mesma egreja manda e todo o christão deve crer, começando pelos da Trindade, e acabando pelos sacramentos.

Concluido assim o curso de doutrina, que por esta fórma se prende e encadeia com o da historia, podeis começar com o culto e com a moral, alternando as lições, se vos parecer, e seguindo quanto possivel, especialmente no que pertence a liturgia, o mesmo texto.

Talvez vos pareça que este methodo demanda mais tempo do que ordinariamente um rapaz se costuma demorar na eschola. Mas calculae bem, experimentae e vereis que ainda vos ha de sobejar o tempo necessario para dar á parte historica mais algum desenvolvimento, como convem: o caso é começar cedo.

Concluirei recommendando-vos o excellente discurso que precede o catecismo do abbade Fleury, em que vos fallei. Lede-o com attenção, e vereis que, seguindo a opinião que tenho expendido, vamos em boa companhia. Assim eu estivesse agora na vossa, para com um apertado abraço matar as saudades que de vos ver tem sempre o

Vosso etc.

P. M. D'AGUILAR.